

# DESAFIOS DO PROFESSOR QUE TRABALHA COM ALUNO AUTISTA

Amanda Pedroso de Oliveira<sup>1</sup>

Jéssica Mhayb de Amorim<sup>2</sup>

Adriane Weckerlin Bello<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por finalidade observar e investigar como ocorre o processo de inclusão com ênfase no papel do professor. Pensando na Prática pedagógica escolhemos trabalhar com o tema: Desafios do professor que trabalha com alunos autistas. Mais especificamente, buscamos analisar através de fontes teóricas e estudos de casos, que foi realizada em uma escola da rede municipal de Cuiabá. O método utilizado foi o descritivo e bibliográfico, com base na análise de dados obtido por meio de questionários entre professores da EMEB PROF<sup>o</sup> “Alzira Valladares”. Com base nos dados pesquisados pretende-se, dentro de uma perspectiva de sensibilização e informação, responder a uma necessidade que se faz essencialmente presente no atual sistema educacional, pois a desinformação entre os educadores tem deixado o educando com problemas de aprendizagem. A fundamentação teórica da pesquisa está embasa principalmente em Santos (2016), Silva (2012), Schwartzman (2011), diretrizes nacionais e nas leis.

**Palavras-chave:** Educação básica. Autista. Desafio do professor.

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a mídia está destacando muito sobre a vida de pessoas com autismo e principalmente a sua inclusão na área da educação. Com isso, em todos os lugares hoje em dia é possível encontrar pessoas autistas levando uma vida comum, estudando e trabalhando.

A inclusão é uma prática relativamente recente, por isso ainda há certa dificuldade entre os profissionais da área da educação ao trabalhar com os alunos (as) autistas.

O interesse nesse tema surgiu ao observar que durante o estágio nos anos iniciais todas as turmas tinha aluno incluso com diferentes tipos de deficiência. A sala na qual foi cumprida a regência de estágio tinha um aluno autista, onde se presenciou o trabalho que a professora realizou com o aluno, a inclusão nas atividades, socialização e desenvolvimento. A partir dessa experiência emergiu o interesse de pesquisar sobre a importância da inclusão de um aluno autista do 2º ano do Ensino Fundamental.

---

<sup>1</sup> Graduanda do último semestre de Pedagogia no Centro Universitário de Várzea Grande.

<sup>2</sup> Graduanda do último semestre de Pedagogia no Centro Universitário de Várzea Grande.

<sup>3</sup> Professora Orientadora do Univag, Pedagogia, Especialista e Mestre em Ciências da Educação.

Esta pesquisa busca entender as dimensões da inclusão, melhorando a prática educativa no que se refere ao aluno autista de forma prazerosa, significativa de modo a verificar se o direito dessa criança é cumprido.

Tendo como objetivo observar e investigar como ocorre o processo da inclusão no âmbito escolar.

A problemática dessa pesquisa é: Como ocorre a inclusão do aluno autista na escola inclusiva?

Para a compreensão da problemática, optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo que foi realizada na EMEB “Profª Alzira Valladares” situada no bairro Jardim Cuiabá na cidade de Cuiabá no mês de abril de 2017.

O método utilizado foi pesquisa bibliográfica, com base na análise de dados obtidos por meio de questionário semi estruturado com perguntas abertas para as professoras.

Com base nesses dados esta pesquisa pretende, dentro de uma perspectiva de sensibilização e informação, responder a uma necessidade que faz essencialmente presente no atual sistema educacional.

## **1. AUTISMO SEU CONCEITO E CARACTERÍSTICAS**

Ao pensarmos na palavra “autismo” imaginamos uma criança isolada, que brinca de forma estranha. As pessoas associam a criança autista como alguém diferente, que tem uma vida limitada, porém não é assim a criança autista possui suas características próprias e tem suas habilidades.

O autismo se caracteriza por um conjunto de fatores como a área de socialização, comunicação e do comportamento.

Segundo os teóricos, o autismo é um estudo complexo que representa um distúrbio ainda sem respostas definidas sobre os fatores de sua causa.

Apesar da enorme quantidade de pesquisas realizadas durante mais de meio século, o autismo continua ocultando sua origem e grande parte de sua natureza, apresentando desafios e intervenção educativa e terapêutica. (RIVIÈRE, 2004, p.234).

O processo diagnóstico precisa ser realizado por uma equipe envolvendo multiprofissionais, como geneticista clínico, neuropediatra, psiquiatra infantil,

neuropsicólogos e fonoaudiólogos com experiências clínicas e que não se limite à apenas em aplicação de testes e exames laboratoriais.

O autismo é considerado, atualmente, um transtorno de desenvolvimento de causas neurobiológico definido de acordo com critérios eminentemente clínicos. As características básicas são anormalidade qualitativas e quantitativas que, embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas da interação social da comunicação e do comportamento. (SCHWARTZMAN, 2011, p.37)

O diagnóstico do transtorno se dá a partir de três anos de idade, mas a partir de 3 meses já há possibilidade de percepção, pois bebês com autismo não se aconchegam no colo da mãe, não trocam olhares e não tem movimentos antecipatórios.

Criança com autismo apresenta dificuldades em se relacionar com o próximo, algumas buscam o contato com o próximo, mas não sabe exatamente o que fazer para manter o contato. Geralmente não responde ao seu nome não, explica o que quer, tem excesso de fúria, raiva e são violentos. O autismo não tem cura, pois é uma síndrome, porém atualmente existe uma série de tratamento que beneficiam e ajuda o autista.

Felizmente hoje em diversos municípios e estados há grupos e associações que oferece tratamento adequado e que exige o respeito, que busca quebrar o preconceito, exige que a Lei nº 10.172/01 que instituiu o Plano Nacional de Educação frisa que a inclusão das pessoas com deficiência deve acontecer no sistema regular de ensino, seja cumprida e principalmente que seja feita a inclusão da criança autista no ambiente escolar.

As características da criança com autismo são classificadas em interação social onde a criança autista evita o contato visual e físico, comunicação verbal e não verbal. Algumas crianças autistas pode ter uma ótima comunicação verbal, outras podem comunicar apenas por gestos e expressões faciais e a última característica é o repertório de interesse e as atividades onde o foco da criança está ligado a um objeto ou a uma atividade específica.

De acordo com SCHWARTZMAN (2011, p.37) “[...] algumas peculiaridades fazem de pessoas com autismo e com condições a ele associadas um grupo com de características marcantes e muito particularidades [...]” Dentro dessas características marcantes está a agressividade, o isolamento social, déficit de atenção, agitação e bipolaridade.

Os pais e educadores podem observar os primeiros passos no processo de diagnóstico é de suma importância que os pais acompanhem o tratamento da criança autista

O papel que, em todos os casos, tem que desempenhar tanto os pais quanto os irmãos e demais familiares, é fundamental além de rodear a criança com uma atmosfera sincera de acordo com o que se sente, é desejável que se envolvam ativamente no tratamento. (GÓMES, 2014, p.563)

É um impacto para os pais receberem o diagnóstico de autismo. Não é uma tarefa fácil ser pais de uma criança autista, pois requer paciência, persistência, disciplina e criatividade.

Os pais não devem julgar o seu filho autista e apenas apontar os seus defeitos, é preciso muito atenção voltada para seu filho, amor, carinho e busca de conhecimento para saber cuidar da criança com autismo.

É comum que os pais caiam na armadilha de apontar apenas os comportamentos problemáticos das crianças. Ao fazerem isso, podem perder de vista as habilidades e os pontos fortes que elas possuem. Quais são os dons e as habilidades inatas do seu filho? Após identificarem essas áreas, é possível estimular e direcionar seus talentos e potencialidades de forma correta. (SILVA, 2012. p.95)

A família deve se unir, deve haver um aumento da estrutura familiar com participação ativa de todos diretamente envolvido, principalmente irmãos, babás e cuidadores.

De acordo com SILVA (2012, p.97) “[...] Na realidade, profundas transformações precisam ocorrer no ambiente doméstico para que todos se empenhem em ajudar a criança autista [...]”. Uma pessoa autista na família eleva o níveis de estresse dos familiares, provocando brigas e confusões entre os pais e irmãos. Isso acaba prejudicando a criança deixando mais agitada, agressiva e leva a criança a ter crise de irritabilidade.

## **2. O CONTEXTO DA ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO**

Os estudos de campo da educação e os direitos humanos vêm modificando conceitos, legislações, práticas pedagógicas e de gestão dessa maneira vem promovendo uma reestruturação do ensino comum e especial.

No final do século XX podem ser observadas essas mudanças através da declaração de Salamanca de 1994 tendo como princípio que as escolas do ensino comum devem educar todos os alunos, em repúdio à exclusão escolar das diferenças cognitivas, linguísticas, étnicas, culturais de superdotado ou em desvantagem social, dos que vivem nas ruas ou dos que não trabalham.

É dever do poder público assegurar que a criança e as pessoas com deficiência, em igualdade de condições com as demais pessoas da comunidade em que vivem, sejam incluídas

no sistema educacional de qualidade, gratuito e obrigatório compatível com a meta de inclusão plena adotada medidas individualizadas quando necessário.

A lei Nº 12.764, De 27 de Dezembro de 2012 do Art. 7º assegura que:

O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

A escolarização da pessoa com autismo ainda é considerada um tabu, pois encontramos dúvidas, angústias e receios que se estabelecem dentro do espaço escolar.

A escolarização passou por mudanças que incluíram a saída das escolas especiais para o ensino comum. Entretanto essas mudanças não se efetivaram em um tempo curto, ao contrário, envolveram uma busca para ocupar um lugar na escola para todos, o que ainda não se configurou completamente na realidade brasileira.

No âmbito legal, os alunos com autismo eram considerados como portadores (termo utilizado na época) de condutas típicas.

Como atendimento educacional essa política indicava ingresso em turmas de ensino regular sempre que possível organização de ambiente educacional o menos restritivo possível e possibilidade de atendimento educacional especializado em caráter substitutivo.

O direito à educação para esses alunos está garantido na legislação nacional, a saber, pela Constituição Federal do Brasil de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Base da Educação nº 9394/96 e em vários outros documentos legais.

No artigo 2º das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, consta que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (DIRETRIZES NACIONAIS, 2001, Art. 2º).

Porém no cotidiano percebemos que esse direito legal necessita se materializar pela via da ação pedagógica dos professores e da implementação de políticas públicas favorecedoras da inclusão escolar.

O processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo na escola depende do relacionamento e o modo que o professor desempenha na mediação pedagógica.

No entanto essa criança com autismo é igual a todos os seres humanos, pois essa criança precisa da ação do outro para encontrar seu lugar na sociedade que ainda está longe de ser inclusiva.

A educação regular assume um papel importante nesse processo de aprendizagem e inclusão.

Devemos levar em conta que a maioria das pessoas autistas requer atenção, supervisão e apoio durante toda a vida. Atualmente não “cura” o autismo, embora possa haver uma melhora muito significativa, graças, sobretudo, ao trabalho paciente da educação. (SCHWARTZMAN, 2011, p. 237)

A inclusão busca atender as necessidades especiais de todos os alunos em sala de aula regular comum.

Na proposta da educação inclusiva, todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se a um ensino regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos do comportamento, de preferência sem defasagem de idade em relação a série. (SILVA, 2012. p.233).

A escola deve ser adaptada respeitando às necessidades individuais de cada aluno, requer mudanças significativas na estrutura e no funcionamento, na formação dos professores e na relação família- escola.

### **3. O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA**

O aluno autista apresenta dificuldades para estabelecer relações entre as pessoas e seus papéis e entre objetos e sua função de modo dinâmico e compreensivo. Contudo quando o foco é o sujeito autista surgem muitas dúvidas em relação às possibilidades de interação verbal e aos elementos que permite a circulação dos sentidos. Não se sabe ainda como o sujeito com autismo pensa como ele constrói o mundo.

A pessoa com autismo tem os mesmos direitos que qualquer pessoa, isto está na constituição federal de 1998 nas leis específicas para pessoas com deficiência.

Na sala de aula o professor precisa utilizar diferentes instrumentos e signos para a inclusão do aluno autista na turma.

Para SANTOS (2016, p. 41) “[...] Os signos permitem o sujeito realizar operações cada vez mais complexas sobre os sujeitos. [...]” No entanto os signos são compartilhados pelo grupo social que o autista está incluindo permitindo dessa maneira a interação social e a comunicação dos sujeitos.

O professor é o mediador que interage com os alunos por meio da linguagem em um processo dialógico.

A escolarização dos sujeitos com autismo deve ser analisada, pois a maioria das vezes as práticas pedagógicas na construção de leitura e da escrita priorizam o uso de cartilhas, folhas xerocadas, pastas de atividades aplicadas.

O professor tem um papel muito importante em relação à aprendizagem do aluno autista, no entanto o mesmo deve observar a etapa do desenvolvimento do sujeito autista e suas necessidades. As atividades propostas pelo professor devem ser as mais variadas possíveis.

Antes de propor qualquer atividade o professor deve observar o comportamento do aluno, qual os objetos de interesse dessa criança, se a criança segue instruções simples, se ela para sentada e como se senta na cadeira, como a criança se comunica se é através de sons, gestos, imitações e etc.

O aluno autista deve ser preparado antecipadamente sobre o que vai ser feito, o que vai ser feito com repetições para que ele já esteja preparado quando for lhe dado tal atividade.

A alfabetização da criança autista é complexa, pois envolve o mundo que está criança está inserida e envolve os instrumentos de trabalho utilizado pelo professor.

No caso das crianças com autismo, a escassez de estudos e a maneira como se articulam pensamentos e linguagem na constituição desses sujeitos traz desafios para pesquisas que buscam compreender o processo de apropriação da leitura e da escrita por essas crianças autistas. (SANTOS, 2016, p.55)

Os sistemas de trabalho constituem em uma estratégia importante para estimular o desenvolvimento de uma prontidão na realização de tarefas, isto é, a capacitação para realizar as atividades com autonomia e com encadeamento nas etapas de início, meio e fim.

A metodologia de ensino para crianças autistas tem que varia conforme as necessidades e transtorno. Nenhuma criança autista é igual à outra por esse motivo precisa de

metodologias apropriadas a suas necessidades. É importante o professor respeitar as limitações da criança autista, porém deve propor atividades incentivadoras promovendo estímulos e quem sabe, sua superação.

A educação das pessoas com autismo e outros transtornos profundos provavelmente exige mais recursos do que são necessários em qualquer outra alteração ou atraso evolutivo. Às vezes embora ocorram aquisições funcionais e um abrandamento dos traços autistas, os progressos são muito lentos. Aparentemente, podem ser mínimos quando comparados ao quadro de desenvolvimento normal. (RIVIÉRE, 2004, p.254)

A informação visual é de suma importância, pois representa um papel essencial pela sua natureza perceptual e concreta. A partir de objetos, inicialmente, e fotos ou imagens, subsequentemente, podemos auxiliar na compreensão visual e na expressão de enunciados de instruções e de solicitações do cotidiano.

De fato, as instruções visuais podem ser apresentadas das mais variadas e mais criativas maneiras, usando desde cores, fotos, desenhos, pictogramas, palavras escritas, até dicionário ilustrado, dentre outras possibilidades.

O professor deve observar e avaliar o aluno autista constantemente, pois as atividades devem ir tornando cada vez mais complexas, à medida que o aluno cresce e se desenvolve. Torna-se necessário a organização dos materiais e das etapas envolvidas em cada tarefa, de modo que façam sentido e auxiliem a compreensão do aluno autista.

As atividades devem ser construídas de forma atrativa, levando em considerações a estética nelas envolvidas. Isto é o conceito de estética abarca os atributos de beleza, de cor, de forma e de harmonia.

Ao desenvolver atividades com o aluno autista o professor e auxiliar deve respeitar seus momentos e reações, tem atividades que o aluno autista não apresenta interesse, tem resistência em pegar determinados materiais para o auxílio da atividade proposta.

Haverá atividade que o aluno demonstrará determinado interesse e pode ser que faça sozinho, apenas precise da orientação para que seja realizada. Lembrando que ele fará conforme suas necessidades e alcance, não pode ser repreendido e pedir que ele faça novamente como forma de substituição.



#### 4. RELATOS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE A COMPREENSÃO DO AUTISMO

A pesquisa de campo foi realizada na escola da rede municipal de Cuiabá EMEB prof<sup>o</sup> Alzira Valladares e teve como público alvo as professoras, a pesquisa ocorreu no mês de março do ano de 2017.

Foram entrevistadas quatro professoras todas possuem aluno autista incluso. Professora do 2<sup>o</sup> ano B, Professora do 1<sup>o</sup> ano A, professora do 2<sup>a</sup> ano A e professora do 3<sup>o</sup> ano A.

Ao analisar as respostas discursivas das professoras observamos quatro questões nas quais obtivemos respostas semelhantes.

Na 6<sup>o</sup> pergunta: Você acredita que tais crianças estão verdadeiramente incluídas na sua escola e porque? Obtivemos as seguintes respostas:

Prof<sup>a</sup> A: Sim, a escola é referencia da educação inclusiva e todas as professoras lotadas nessa unidade desenvolve um excelente trabalho.

Prof<sup>a</sup> B: Sim, somos uma equipe comprometida com esse tipo de educação inclusiva.

Prof<sup>a</sup> C: Sim, toda a escola, a equipe de professores e funcionários recebem esses alunos de forma satisfatório e integra.

Prof<sup>a</sup> D: Sim, essa pergunta fica clara quando é perguntado aos pais, temos aqui na escola alunos de classe alta, na onde os pais só encontrarão apoio e a inclusão nessa escola, são alunos que já foram matriculados em escolas particulares e não foram bem atendidos.

Analisando essa pergunta obtivemos uma resposta satisfatória, pois não basta ter um aluno autista matriculado sendo que a inclusão não ocorre. É através da convivência escolar e com estímulos do professor que esses alunos de interage e se desenvolve.

A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças, são os primeiros passos rumo à vida adulta. (SILVA, 2012, p.107)

Na 11<sup>o</sup> pergunta: você sabe o que é autismo? Obtivemos as seguintes respostas:

Prof<sup>a</sup> A: não sei muito bem, mais é um problema neurológico um retardamento do cérebro.

Prof<sup>a</sup> B: Sim, autismo é uma síndrome que a crianças desenvolve, a crianças autistas não tem uma concentração, seu olhar é fixo em um lugar só, a fala quase não é desenvolvida.

Profª C: Sim, compreendi o que é autismo a partir desse ano de 2017 confesso que estou buscando em livros resposta para pode trabalhar com o meu aluno. O autismo pode ser caracterizado com um problema neurológico, o aluno apresenta muita dificuldade em se comunicar, explicar, não tem coordenação motora.

Profª D: Sim, autismo é um transtorno que não tem cura, a criança nasce autista e morre autista. É um problema no cérebro que deve ser estudado por equipe médica.

Ao analisar essa questão observamos que as professoras ainda apresentam dúvidas em relação ao autismo. Mesmo essas professoras não tendo uma capacitação para área da educação especial e ainda apresentar duvidas referente ao autismo elas podem contribuir muito para o ensino desses alunos.

De acordo com SILVA (2012, p. 114) “[...] O Professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar confiança eterna de uma criança [...]”.

Na 12ª questão: Você acredita no aprendizado da criança com autismo quando incluída? Obtivemos as seguintes respostas:

Profª A: Sim, a questão de aprendizado varia de criança para criança, o caso do autista já tive aluno que saiu conhecendo todo o alfabeto, como também já tive aluno com grandes dificuldades que se desenvolveu muito pouco.

Profª B: Sim, é possível um aprendizado, porém não é um trabalho fácil exige muito de nos educadores.

Profª C: Sim, eu acredito embora seja a primeira vez que trabalho com aluno autista, mais já há relatos e noticiários de aluno autista que hoje em dia é formado e trabalha.

Profª D: Sim, Não é fácil o aluno autista adquirir o aprendizado, porém não é impossível. O meu aluno já se desenvolveu bastante a sua aprendizagem e o convívio com as pessoas que vivem ao seu redor.

Ao analisarmos as respostas das professoras entende-se que as mesmas já possuem experiências em relação ao aprendizado dos alunos autistas e acreditam que é capaz de desenvolver um trabalho muito interessante com os alunos. Possibilitando assim a inclusão e desenvolvimento dos alunos em sala de aula, porém não é uma tarefa fácil.

As atividades para o alunos autistas são iguais as dos demais alunos, porém de forma adaptada onde o aluno possa fazer entender e compreender a atividade proposta. É fundamental ter um material adaptado para que facilite à criança na realização da atividade e deixe prazerosa de forma motivadora.

Na 13ª pergunta: O processo de ensino-aprendizagem torna-se mais difícil? Por quê? Obtivemos as seguintes respostas:

Profª A: Sim, o processo não é fácil, para desenvolver a aprendizagem do meu aluno eu tive que estudar livros e verificar qual é o nível da deficiência dele. Requer muito cuidado na elaboração das atividades e exige trabalhar muito com o concreto.

Profª B: sim, se torna complexo, temos que elaborar as atividades de acordo com a necessidade do aluno, exige acompanhamento na sala multifuncional para desenvolver a aprendizagem de forma satisfatória.

Profª C: Sim, é um processo muito difícil, porém satisfatório é tão difícil elaborar as atividades, porém é tão bom vendo o aluno desenvolvê-la. Sinto-me muito feliz em saber que estou contribuindo para essa aprendizagem.

Profª D: Sim, não é uma tarefa fácil, tem que ser elaborada à atividade de modo que chama atenção do aluno, trabalhar com o concreto ainda é a melhor maneira de desenvolver a aprendizagem.

Ao analisarmos as respostas, as professoras ainda buscam meios para elaboração das atividades adaptadas para seus alunos, buscando atividade de acordo com o nível de aprendizagem do aluno. As professoras buscam ajuda da sala multifuncional para a elaboração de algumas atividades. As mesmas relatam ser um processo difícil e cansativo, porém satisfatório, pois observam que os seus alunos estão avançando em relação a aprendizagem.

A alfabetização precisa ter uma função, um objetivo para a criança com funcionamento autístico e, para isso, é preciso que tenhamos muita criatividade para adaptar materiais e inserir as letras na vida delas, de forma atraente e estimulante. A utilização de computadores e tablets como plataforma de motivação e ensino tem apresentado bons resultados, pois os recursos de cores, sons e jogos auxiliam o foco dessas crianças. Devido à facilidade de abstração, a escolha de materiais concretos e visuais torna a alfabetização mais efetiva. (SILVA, 2012, p.125)

É importante estarmos atentos às preferências do aluno, se a criança gosta de desenhar e copiar devemos direcioná-las as atividades complementares, assim estimulando o aluno a utilizar outros recursos.

## 5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O RELATO DOS PROFISSIONAIS.

A pesquisa sobre essa temática contribuirá para a melhor compreensão da futura atuação do profissional e também contribuirá para aqueles que já atuam na área escolar e desconhece como lidar com as crianças com autismo.

Muitos professores ainda não tem um conhecimento muito específico sobre o autismo e suas causas. Portanto muitas crianças sofrem os mais diversos tipos de preconceitos e até mesmo insultos por conta de sua dificuldade em aprender. Assim sendo, verificou-se a necessidade de ir a campo para melhor entender com é abordado.

A partir do levantamento de dados, observou-se pelos relatos que a “EMEB Profª Alzira Valladares” trabalha com a inclusão do aluno autista e das demais deficiências. Verificou-se, portanto que realmente a inclusão ocorre nessa unidade escolar.

Em relação ao ensino e aprendizagem os alunos autistas frequentam a sala de aula regular com auxílio de um cuidadora e conta também com apoio da sala multifuncional. As atividades variam de aluno para aluno, pois cada aluno tem um nível de dificuldade.

O desempenho escola das crianças com autismo depende do nível de acometimento do transtorno. As crianças com um nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependente de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didático-pedagógicos. (SILVA, 2012, p.109)

O Papel o educador é direcionar os estímulos que a criança recebe, de modo que ela consiga transformar, organizar, agrupar e estruturar os estímulos em determinada direção, conforme nos afirma Silva: (2012, p.126)

Não podemos perder de vista as reais potencialidades e limites da criança. Por isso é preciso sempre elaborar um programa educacional específico para cada uma delas. Procure trocar ideias, pergunte como pode ajuda-la, certifique-se de que ela compreendeu o que você quis dizer e repita quantas vezes forem necessárias, de forma tranquila e afetuosa. Além disso, para que o aprendizado seja eficaz, é fundamental que haja palavras de incentivo e elogios sempre, bem como premiações quando ela conseguir realizar avanços, mesmo que pequenos.

Portanto, deve-se ter um olhar diferenciado, para que então se podem perceber as dificuldades dos alunos durante o processo de ensino e aprendizagem, suprindo quaisquer faltas ou dificuldades encontradas, para não se ter adultos com relacionamentos rígidos e

fechados, prejudicados por essa falta de um atendimento especializado educacional desde a infância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por finalidade observar e investigar como ocorre o processo de inclusão com ênfase no papel do professor. Pensando na Prática pedagógica escolhemos trabalhar com o tema: Desafios do professor que trabalha com alunos autistas.

A inclusão escolar vai muito, além disso, faz-se necessário uma série de adequações para que realmente exista a escola inclusiva.

Existem varias escolas inclusivas que trabalham com crianças autistas, porém nem sempre elas são tratadas de forma especiais, que as diferenciam das demais. Portanto, em função das varias reflexões concluímos que a Síndrome do autismo, embora com muitas características comuns a outras síndromes, possui identidade, muito diferenciada.

Uma vez por possuir vários déficits, a escola de ensino regular sente-se de certa forma incapaz de desenvolver uma educação inclusiva, tanto pela necessidade de profissionais especializados, quanto pela reformulação de sua prática, como também pelo espaço físico que um aluno autista precisa, haja vista suas necessidades de organização e rotina.

Sendo assim a problemática de como ocorre a inclusão do aluno autista na escola inclusiva, foi respondida porem se faz necessário uma ação educativa comprometedora com a cidadania e com a formação de uma sociedade mais democrática e menos excludente. Há uma grande necessidade de conscientização da sociedade em relação aos direitos destes portadores da síndrome do autismo, para que a sociedade exerça o processo de inclusão.

O transtorno do autismo e por excelência de contato e comunicação. Portanto, para ajudar o aluno a funcionar e adaptar no seu meio escolar e cultural é necessário conceber programas tendo como base os pontos fortes e déficits fundamentais do autismo que afetam o aprendizado e a interação no seu dia-a-dia.

A proposta da inclusão tal como foi abordada na pesquisa tem seus aspectos favoráveis, mas há também os desfavoráveis. De forma equivocada, muitos professores e outros profissionais pensam que para praticar a inclusão basta colocar o aluno com necessidades especiais matriculado em uma classe regular, porém a inclusão escolar vai muito além de uma inclusão social. É necessário que a inclusão escolar o aluno especial se desenvolva, que ele aprenda, como os demais alunos, salvo suas limitações.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf>. Acesso em 14 de Junho de 2017 às 17:25.

\_\_\_\_\_, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa, 1988.

DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acesso em 14 de Junho de 2017 às 16:53.

GÓMES, Ana Maria Salgado. **Transtorno de Aprendizagem e Autismo**. São Paulo: Cultural, 2014.

LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em 14 de Junho de 2017 às 16:50.

RIVIÉRE, Ángel. **Desenvolvimento psicológico e educação**. In: COLL, César. Et al. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS , Emillene Coco dos. **Linguagem Escrita e a Criança Com Autismo**. Curitiba: Appris, 2016.

SILVA, Ana Beatriz B. et al. **Mundo Singular: Entenda o Autismo**/ Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARTZMAN, Salomão. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memmon, 2011.